



EMPÉDOCLES E A LUTA ENTRE *PHILIA* E *NEIKOS*

Alexandre Pereira Hanchuck¹

Rogério Miranda de Almeida²

RESUMO: Neste artigo discorreremos a respeito do pensamento de Empédocles de Agrigento e sua filosofia da luta dos opostos: *Philia* e *Neikos*. No início da filosofia, se é que podemos dizer assim, muito se discutiu sobre o surgimento do mundo, a morte, o nascimento e o destino de tudo. Dentre esses pensadores originários está Empédocles. Este, na tentativa de chegar a uma conclusão sobre esses temas, elaborou uma teoria pela qual o Cosmos é formado por quatro raízes e duas potências que as gerenciam por meio de uma luta constante de união, exercida por *Philia*, e separação, exercida por *Neikos*. Neste artigo, nos utilizaremos de dicionários de filosofia, escritos antigos entre outros. Trataremos primeiramente sobre o conceito de Eros ou Amor, mais especificamente entre os gregos. Em seguida trataremos do pensamento do Agrigentino e os quatro elementos que, juntamente com concórdia e discórdia, são a base para todo o Ser. Por último, escreveremos sobre as duas forças, Amor e Ódio, que juntamente com os quatro elementos, são o que engendram e moldam todo Universo.

PALAVRAS-CHAVE: Empédocles de Agrigento; Cosmos; Amor e Ódio; Ser; Eros.

1. O conceito de amor, ou de Eros, entre os gregos

Nicola Abbagnano nos coloca que foram os gregos que pela primeira vez observaram o amor como tendência à união, aquela força que une as coisas e os seres. Desta forma, essa tendência em dizer que amor é uma força unitiva começou por Hesíodo e depois com Parmênides, e em seguida em Empédocles, o qual nos debruçaremos mais adiante. Empédocles disse que o amor é a uma das forças que tende a unir as coisas até seu ponto

¹ Bacharel em filosofia pela Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e estudante de teologia no Claretiano – Centro Universitário. Este artigo foi elaborado a partir da monografia (TCC) orientada pelo Prof. Dr. Rogério Miranda de Almeida. E-mail: alexandreph8@hotmail.com

² Doutor em filosofia pela Universidade de Metz, França, doutor em teologia pela Universidade de Estrasburgo, França, professor de filosofia na Faculdade São Basílio Magno (FASBAM) e de teologia sistemática no Claretiano – Centro Universitário. E-mail: r.mirandaalmeida@gmail.com

culminante que é o Uno, o *Sfero*, e seu contrário é a discórdia, o ódio, que tudo desune tendendo ao caos.³

Em Hesíodo podemos observar que Eros é originado depois de Afrodite, que proveio da espuma do pênis que foi jogado ao mar logo após Cronos tê-lo cortado de seu pai Ouranós.⁴ É interessante notar, que o poder de Eros não se estende somente aos homens, mas atua também na união amorosa entre os próprios deuses. Outro ponto importante é a oposição entre os deuses Eros e Khaos, se Eros remete ao verbo amor ou desejar apaixonadamente, tendendo a unir dois seres ou duas coisas; Khaos, tem sentido de desunião, separação e divisão. É interessante notar também, que em grego, *Khaos* significa bico de ave que fechado é um, mas ao abrir se divide em dois, ou seja, remete à divisão, separação.⁵

Mas foi Platão o pioneiro na tentativa de conceituar, de definir o amor, ele foi quem elaborou o primeiro tratado em relação ao Amor, ao Eros. Primeiramente, o amor como uma carência de algo, e neste mesmo sentido, uma vontade de assenhorar-se, de capturar o que não se tem. Por segundo, o amor em relação ao belo, em que para Platão, o amor é a exteriorização do bem, a aspiração ao belo. E em terceiro, o amor como uma vontade de se sobressair sobre a morte, ou seja, é aquele instinto, aquela força de se perpetuar de todos os seres vivos através da geração de descendentes. No quarto lugar, o discípulo de Sócrates novamente remete o amor ao belo ao dizer que a mais nobre beleza é a da sabedoria, e, portanto, o mais nobre amor é aquele que se dá à sabedoria, ou seja, à filosofia.⁶

No *Banquete* é que Platão, por meio de seus interlocutores, nos mostra um tratado a respeito do amor. Primeiramente Fedro em seu discurso, nos mostra que Eros é um deus digno de admiração tanto dos homens quanto dos demais deuses, pois este, não possui genitores e está entre os deuses mais antigos. Fedro expõe ainda uma passagem de Hesíodo para ilustrar, onde este diz: “que primeiro foi o Caos, depois a Terra de grande seio, eterno e seguro fundamento de todas as coisas e, depois, Eros”. Sendo assim, Eros, juntamente com a Terra, nasceram após o Caos, entretanto, Fedro menciona Parmênides

³ Cf. AMOR. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982, p. 37.

⁴ Cf. HESÍODO. *Teogonia*: a origem dos deuses. São Paulo: Iluminuras, 2014, versos 180-200.

⁵ Cf. HESÍODO. *Teogonia*: a origem dos deuses. São Paulo: Iluminuras, 2014, p. 42.

⁶ Cf. ABBAGNANO. *Op. cit.*, nota 1, p. 37.

ao dizer que para ele, Eros existia antes dos demais deuses. Sendo assim, o consenso que se tem, do ponto de vista de Fedro, é que Eros é um dos mais antigos deuses.⁷

Erixímaco se utiliza de Heráclito para falar do amor. Para ele, o amor é o que traz a união e a harmonia, a exemplo do arco e da lira, do grave e do agudo, do frio e do calor. As estações do ano também são regradas pelo amor, as quais, se com harmonias forem gerenciadas, podem trazer boas colheitas, chuvas certas e saúde aos animais e plantas, entretanto, existe também a desordem, que pode ser causada pela união errada, esta trará tempestades, secas, pragas e não será saudável aos seres vivos. Portanto, diz Erixímaco, que Eros é praticamente universal e que seu poder é vasto, e se for utilizado de boa-fé e para o bom caminho, trará felicidade e paz aos homens, podendo eles viverem em uma sociedade pacífica.⁸

Aristófanes, ao discursar sobre o Eros no *Banquete*, remete ao primevos seres que nos antecederam, os Andrógenos. Conta ele que antigamente, os dois sexos, masculino e feminino, se encontravam em um só ser, o Andrógeno. Este era esférico e possuía quatro pernas, quatro braços, quatro orelhas, e por se acharem muito inteligentes e poderosos subiram ao olimpo e tentaram combater os deuses, estes se enfureceram e como castigo dividiram o andrógeno ao meio, formando dois seres, masculino e feminino. Agora, a saga desses seres divididos era, durante sua vida, encontrar a metade que lhe foi partida e se entrelaçar, se unir, se amar. Portanto, Aristófanes diz que se deve louvar Eros pois este permite que as duas metades se encontrem e possam se amar, o que traz a felicidade aos humanos e a esperança de que os deuses tenham piedade e novamente unam os dois.⁹

Sócrates se utiliza do seu famoso método para extrair de Agatão algumas conclusões a respeito do amor, que em seguida, irá desconstruir. Primeiramente, entram em acordo Agatão e Sócrates que assim como o pai é pai de alguém e o irmão é irmão de alguém, assim também o amor é amor de alguma coisa. Por segundo, Sócrates o questiona se quem ama deseja ou não o amado, e se quem deseja possui ou não possui o objeto desejado. A conclusão que Agatão nos dá é que o amante deseja o amado e quem deseja algo é porque não o tem. Entretanto, nos coloca Sócrates, que há outra questão em jogo, o desejo e a falta também são sentidos mesmo possuindo os objetos desejados, como é o caso da saúde

⁷ Cf. PLATÃO. *O simpósio ou do amor*. Lisboa: Guimarães editores, 1986, frag: 178b-c.

⁸ Cf. PLATÃO. *O simpósio ou do amor*. Lisboa: Guimarães editores, 1986, frag: 187c-188d.

⁹ Cf. PLATÃO. *O simpósio ou do amor*. Lisboa: Guimarães editores, 1986, frag: 189d-193d.

e da riqueza, uma pessoa quer possui-las no futuro assim como no presente.¹⁰ Esta questão o Pai da psicanálise irá mais tarde chamar de *angústia da castração*.¹¹

Sócrates inicia o diálogo com Diotima indagando-a se Eros é feio e mal, visto que se ele deseja o Belo e conseqüentemente o Bem, não os tem. E Diotima o adverte dizendo que, só porque uma coisa não é bela nem boa, não deve necessariamente ser feia e má, existe um meio termo entre os dois, um *entre-dois*. Assim como uma opinião correta, mas sem fundamentação, é um meio termo entre a sabedoria e a ignorância, também Eros é um meio termo entre o Belo e Feio, entre o Bem e o Mal, entre os Deuses e os Homens. Eros ainda, diz Diotima, não pode ser um Deus, pois estes são felizes e belos, já Eros não o é, pois não possui o Belo nem o Bem. Além disso, Eros não pode ser humano, pois é imortal, desta forma, novamente percebe-se que ele é um *entre-dois*. Portanto, Eros é um demônio poderoso, sendo assim, ele é meio humano e meio divino, participa das duas naturezas. Um demônio, diz Diotima, é aquele que leva as oferendas humanas aos deuses e traz aos homens as graças e mandamentos dos deuses.¹²

Para explicar a origem do amor, Diotima se utiliza novamente do mito. No nascimento da deusa Afrodite, os deuses fizeram uma festa para comemorar e nesta festa encontrava-se Poros, filho de Métis, a prudência. E para mendigar, aproximou-se Pênia, a pobreza, e ficou próxima a porta. Poros, embriagado com o néctar, saiu ao jardim e lá adormeceu, Pênia, ao vê-lo aproveitou a oportunidade e concebeu um filho, Eros. Este herdou as características de ambos os pais, pobre, indelicado, de pouca beleza, rude, sujo por parte materna; da parte paterna, busca o Belo, é bravo, audaz, filósofo, mago e sofista. Sua natureza não é de um ser imortal pois morre repentinas vezes, mas também não é totalmente mortal pois renasce rapidamente e diversas vezes.¹³ Esta característica de Eros, o paradoxo da eterna recriação, nos remete aos pré-socráticos, mais especificamente a Heráclito e a Empédocles, os quais dizem que o cosmos é um constante criar e destruir, decompor e recompor, nascer e morrer.¹⁴

Eis a conclusão que chegamos no *Banquete*:

O amor não é o amor do Belo, como julgava Sócrates, mas da procriação e do dar à luz no Belo. Isto quer dizer que para um ser mortal, melhor, para todos os viventes, a geração equivale

¹⁰ Cf. PLATÃO. *O simpósio ou do amor*. Lisboa: Guimarães editores, 1986, frag: 199a – 200e.

¹¹ Cf. ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Eros e Tânatos: A vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 157.

¹² Cf. PLATÃO. *O simpósio ou do amor*. Lisboa: Guimarães editores, 1986, frag: 201e – 202b.

¹³ Cf. PLATÃO. *O simpósio ou do amor*. Lisboa: Guimarães editores, 1986, frag: 203b – e.

¹⁴ Cf. ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Eros e Tânatos: A vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 174.

a uma sempre renovada tentativa de se perpetuarem, de se perenizarem, de se eternizarem, de se imortalizarem, *dentro e através da existência*.¹⁵

No *Fedro*, Platão nos coloca que o amor sensível consegue se transfigurar em filosofia, ou seja, amor à sabedoria; e a loucura do erótico pode se tornar um dom divino. Essa questão do amor para o discípulo de Sócrates é muito interessante, pois no decorrer da história da filosofia, como na filosofia cristã, se tornou uma metafísica do amor.¹⁶

Em Aristóteles existe um estudo mais positivo, ou seja, para ele o amor pode ser de cunho sexual, consideração entre os membros de uma família ou por qualquer outra pessoa a qual se tenha certo vínculo cooperativo, ou ainda o amor pode ser relacionado à amizade. Para o Estagirita, o amor não é algo somente da alma, mas sim do homem enquanto é formado por corpo e alma. E nessa união entre corpo e alma o amor se enfraqueceu, tendo em vista que a Divindade não necessita da amizade, pois ela é o bem para si própria, ao contrário de que para os corpóreos o bem vem do externo, do outro e da divindade. Desta forma, pode-se ter em mente que para Aristóteles, o amor é um fenômeno estritamente humano, por isso não encontramos em sua teologia um estudo sobre o amor. Para o Estagirita, o amor se diferencia da amizade, pois esta, é uma prática, já o amor é uma afeição, um apego.¹⁷

Há muitas outras definições e significados para a palavra Amor, mas tomando por base estas definições, podemos observar que assim como Empédocles, os demais gregos antigos o veem como uma força unitiva, uma esfera que une, que reúne tudo, em contraposição ao Ódio, o que separa, ou ainda, o que provoca a saciedade, que faz cessar esta busca, este desejo de completude causado pelo amor. Neste sentido, podemos pensar, que tudo que é o contrário do Amor, é o Ódio, mas precisamos tomar cuidado, pois eles não são totalmente contrários, mas são complementares um ao outro. Um não pode existir sem o outro, o amor sem o ódio não é amor; a amizade sem a inimizade, não é amizade; a concórdia sem a discórdia, não é concórdia, pois somente sabemos o que é um porque existe o outro, sabemos o que é o bem, pois existe o mau, só sabemos o que é o ódio pois existe o amor. Portanto, são assim, partes inseparáveis, que Empédocles buscou explicar aplicando-os como princípios presentes e atuantes não somente nos quatro elementos,

¹⁵ Cf. ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Eros e Tânatos: A vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 178.

¹⁶ Cf. AMOR. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982, p. 37.

¹⁷ Cf. AMOR. In: ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982, p. 37.

mas em todos os que estes compõem, tudo o que vemos, percebemos ou não, aí está o amor e o ódio, ainda assim, vemos ora um ora outro, mas jamais separados.

2. Os quatro elementos

Empédocles chama de louco quem diz ter encontrado o todo,¹⁸ e Burnet tem certeza de que o pensador de Agrigento estaria falando de Parmênides. Muitos dizem que a doutrina do Agrigentino foi uma possível conciliação entre os pensamentos de Heráclito e Parmênides, mas não se encontra qualquer prova de que isso seja verdade em relação a Heráclito. Para Burnet, o mais correto é dizer que Empédocles tentou conciliar a doutrina eleática com a sensibilidade humana.¹⁹

Empédocles assemelha-se a Parmênides ao pressupor que os elementos são sempre os mesmos, essencialmente falando, mesmo forjando diferentes coisas através da interminável agregação e desagregação, eles, os elementos, permanecem sempre com as mesmas quantidades e características cruciais. Até mesmo a metáfora da esfera da qual Parmênides se utilizou, Empédocles também a emprega em seus poemas. Mas é também nessa mesma linha de pensamento que os dois pensadores divergem, pois o que um assume como sendo atributos do ser, ou seja, tudo aquilo que o pensador de Agrigento pensa como características fundamentais do Ser, Parmênides as exclui, são elas a diversidade, o movimento, a diferença, a construção e a destruição e a vida e a morte intermináveis.²⁰

Empédocles através de seu poema carregado de imagens pressupõe a doutrina de que há quatro elementos, ou como ele prefere dizer, quatro raízes das coisas, estas nunca criadas, nem indivisíveis, mas que são eternas e sempre existiram, não podem vir do nada nem desaparecer para o nada, elas não nasceram nem morrerão definitivamente, elas que são: a Água, a Terra, o Ar e o Fogo. Estas raízes são para o mundo assim como as cores são para o pintor, ou ainda, como a água e a farinha para o padeiro. Todas as coisas provêm de sua união e separação, e de suas variadas quantidades. Nenhuma das raízes

¹⁸ Cf. EMPÉDOCLES, Frag. 2 e 4. In: BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006.

¹⁹ Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p.237.

²⁰ Cf. ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Eros e Tânatos: a vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p.76.

vem primeiro ou se sobrepõe à outra, são igualmente eternas e não procedem de outras.²¹ O Agrigentino prefere utilizar a palavra raiz ao invés de elemento, pois esta remete a um ducto, a uma passagem, um canal por onde a vida e a morte fluem sem parar, já elemento remete somente a um componente de um todo.²²

Além disso, a teoria de Empédocles foi a primeira a reconhecer o ar como algo existente e independente, o que foi umas das maiores descobertas de sua época. Para provar isso, o pensador se utiliza de uma clepsidra, a qual é introduzida na água com o orifício superior tampado, desta forma o ar não deixa com que a água adentre no orifício até que ele retire o dedo e deixe o ar sair e a água entrar.²³ Devemos notar também, que Empédocles não utiliza a palavra *aér* para designar o Ar, mas sim *aithér*. O motivo pode ser que ele queria que soubessem que o ar é uma substância distinta e não tem que ser confundida com o vazio ou com a névoa, nem dizerem que a água seria ar líquido.²⁴

Juntamente com essas quatro raízes, movimentando, agregando e desagregando, construindo e destruindo, vivificando e matando, existem duas potências que as governam, que as gerenciam, que lutam entre si e estão sempre tentando uma sobrepor uma à outra, as quais são *Neikos* (em grego: “*νεῖκος*”) e *Philia* (em grego: “*φιλία*”), que podem ser traduzidas por ódio e amor, discórdia e amizade, força desagregadora e força agregadora. E um ponto interessante a ser notado é que as quatro raízes dão a impressão de que, assim como Amor e Ódio são de certa forma contrários entre si, os quatro elementos também apresentam divergência, contrariedade de propriedades, ou seja, Fogo e Ar são o quente e o frio, Água e Terra são o úmido e o seco.²⁵

O pensador de Agrigento para designar as quatro raízes utiliza também o nome de quatro potestades, são elas: “Zeus brilhante, Hera possadora da vida, Edoneu e Nestis, cujas lágrimas são uma fonte para os mortais”²⁶. Estas divindades são respectivamente Fogo, Ar, Terra e Água. Existem muitas imprecisões referentes a esse fragmento e qual motivo levou-o a comparar ou nomear estas raízes com o nome dos deuses, o que se sabe

²¹ Cf. BRÉHIER, Émile. *História de la Filosofía*, 5. ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1962, p. 267.

²² Cf. ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Eros e Tânatos: A vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 79.

²³ Cf. EMPÉDOCLES, Frag. 100. In: BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006.

²⁴ Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p. 239.

²⁵ Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p. 238-239.

²⁶ Cf. EMPÉDOCLES, Frag. 6. In: BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006.

é que Nestis representa a água, e na Sicília ela era deusa da mesma²⁷. No que diz respeito às demais divindades, não temos muito conhecimento. Do mesmo modo, nos fragmentos do pensador Agrigentino, encontramos vários outros nomes para designar cada uma das quatro raízes, como por exemplo, o fogo, que ele nomeia muitas vezes de “chama”, *Hélios* (sol), *Eléktor* (sol resplandecente) e *Héphaistos*. Neste caso, estaria ele tentando impedir que comparassem as raízes a meras coisas ou eventos da natureza. Ou então, como diz Burnet, Empédocles pode ter chamado os elementos de deuses pois os primeiros pensadores também os chamaram, todavia não num sentido religioso, pois não eram feitas preces, orações ou oferendas a esses “deuses”.²⁸

Existia um período em que as quatro raízes estavam embaralhadas, e o Amor era o que tudo unia. Já a Discórdia se encontrava ao redor abraçando o todo, aguardando o momento para começar a desagregar a união, este estado das coisas é designado por Empédocles como a Esfera.²⁹ A qual também é chamada por Empédocles de deus. No momento certo, a Discórdia começa a entrar na esfera e a destruí-la, desuni-la, dividi-la, daí então dá a origem ao mundo que conhecemos.³⁰

O pensador de Agrigento parte do princípio, assim como Parmênides, de que no início era o Uno, o *plenum* corpóreo, a Esfera, todavia, no caso do Eleáta a esfera era composta de algo homogêneo, contínuo e imóvel, e mesmo que se quisesse colocar movimento nela, por ser algo homogêneo, quando algo saísse do lugar, seria substituído por algo de mesmo valor qualitativo e quantitativo, ou seja, igual, desta forma anularia o movimento. Já no caso de Empédocles havia os quatro elementos heterogêneos e o problema foi justamente tentar explicar como existe movimento na esfera, visto que, Parmênides deixou em suspenso. Para isso, Empédocles se utiliza de duas forças, duas pulsões, *Philia e Neikos*, ou então, construção e destruição, união e separação, amor e ódio. Desta forma, temos as quatro raízes, tornando a esfera algo heterogênea, ao contrário do Eleáta, e as duas forças que movimentam a esfera, uma construindo e outra destruindo, uma unindo e outra separando.³¹

²⁷ Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p.239.

²⁸ Cf. ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Eros e Tânatos: A vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p.79 e 80.

²⁹ Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p. 243.

³⁰ Cf. EMPÉDOCLES, Frag. 30 e 31. In: BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006.

³¹ Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p. 240-241.

Burnet nos diz que os fragmentos sozinhos não nos esclarecem muito a respeito da formação do mundo como conhecemos a partir da esfera, todavia Écio e os *Stromatêis* de Plutarco conseguiram guardar o que poderia ter dito Teofrasto a respeito disso. Primeiramente foi separado o Ar, em seguida o Fogo, depois a Terra e por último, por conta da forte rotação, jorrou a Água. A névoa proveio da evaporação da Água, o céu por meio do Ar e o Fogo deu origem ao sol. Já as coisas da terra formaram-se por outros elementos. O Ar se alastrou e formou um círculo, em seguida o Fogo, não encontrando nenhum lugar, foi sob um maciço que circundava o Ar. Dois hemisférios circulavam a Terra, um feito exclusivamente de fogo e outro, que dizia ser a noite, feito de ar e fogo. Desta forma, o pensador de Agrigento entendeu o deslocamento dos hemisférios a partir da maior acumulação do fogo num deles.³²

O Ar circundava o mundo e também era o elemento que estava mais distante dele, todavia devemos entender que não era um círculo perfeito, tendo em vista que Empédocles acreditava que o céu tinha formato oval. O fogo possuía uma capacidade solidificadora, e com isso, solidificou o Ar nas camadas mais externas formando uma barreira, um limite no mundo. Por conseguinte, o Fogo subiu formando o hemisfério diurno e o Ar desceu carregando um pouco de Fogo o qual deu origem à noite, como já vimos anteriormente, formando assim, dois hemisférios, dia e noite. Para explicar o movimento, ou melhor, a alternância entre dia e noite, diz-se que o Fogo, que jazia na parte superior, desequilibrou o céu fazendo com que ele girasse, alternando assim entre o dia e a noite. Esse movimento de rotação faz com que a Terra e o céu permaneçam em seus lugares, assim como o experimento da xícara o qual nos disse Aristóteles, onde ao girar segurada por uma corda, mantém o líquido dentro sem que ele saia ou caia.³³ Outra descoberta importantíssima para a época foram os eclipses solares, em que ela (a Lua) passa na frente do Sol e causa uma sombra na Terra, da mesma forma a teoria da noite, seria o movimento da terra pela luz.³⁴

O reflexo do fogo em volta da Terra dá origem ao Sol; a Lua é Ar que foi solidificado pelo Fogo e recebe luz do Sol. A respeito das estrelas e dos planetas não se tem um estudo ou explicação mais aprofundada, mas o pensador de Agrigento teria dito que estes seriam

³² Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p. 244.

³³ Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p.244.

³⁴ Cf. EMPÉDOCLES, Frag. 42 e 43. In: BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006.

formados pelo fogo contido no ar, as estrelas imóveis eram as que estavam cravadas no ar sólido, já as móveis e os planetas perambulavam soltos.³⁵

As combinações orgânicas como animais, plantas, carne, ossos e folhas também se originavam a partir das quatro raízes e sob a influência do Amor, e isto, nos explica Empédocles, decorria da permanência da água e do fogo na Terra. As primeiras criaturas vivas na Terra foram as árvores, brotaram da terra antes mesmo que o Sol se espalhasse e fosse possível identificar o dia e a noite. Para o Agrigentino, elas são parte da terra e desenvolvem-se devido ao calor da terra e seus frutos provêm da água e fogo presentes nelas.³⁶ É na morte que ocorre a separação definitiva dos dois elementos presentes em cada ser vivo. No sono, o fogo se separava provisoriamente do animal, mas na morte todos os elementos se separam para em seguida, formarem uma nova mistura, uma nova vida, uma nova coisa.³⁷

O pensador de Agrigento explica também porque os animais têm determinados hábitos. Isso decorre da afinidade do semelhante com semelhante, ou seja, as plantas se desenvolvem para o alto e para baixo, isso acontece pelo fato das partes que possuem fogo subirem e as partes que possuem terra descenderem. Os pássaros que voam e sobem para o céu possuem fogo e por isso sobem; os que possuem mais terra permanecem terrestres; onde há maior quantidade de água, estes vivem na água. Assim também ao se alimentarem, cada elemento presente no alimento vai a determinado lugar no corpo onde tem mais afinidade, e quando há falta ou incongruência entre os elementos, surgem as dores. A percepção também se origina pela atração do semelhante pelo semelhante, desta forma, quando um elemento dentro de nós se encontra com um igual externamente, aí o percebemos.³⁸

Todas as coisas existentes como ser originam-se das quatro raízes, por meio de sua mistura ou separação, são as partículas delas que se separaram e se unem com partículas de outras raízes para formarem novas associações. O eterno nascer e morrer que observamos são essas separações e combinações infinitas vezes, sem parar. É um movimento local, o devir, o mover-se da matéria, pois ela não nasce do nada, nem tem

³⁵ Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p.245 – 246.

³⁶ Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p.246-247.

³⁷ Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p.250.

³⁸ Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p.250-252.

um fim na morte amaldiçoada, mas sim existe uma eternidade da matéria, o que mais tarde se chamaria “Lei da conservação da matéria”, onde nada se cria nem se consome, tudo se transforma. Outro ponto interessante à questão das raízes, é a ideia de que há elementos últimos e qualitativos constituintes da matéria, o pensador de Agrigento pode não ter acertado na quantidade de elementos, ou sua real forma, mas o que devemos ter em mente é que o Agrigentino sabia que algo a constituía que são os elementos como hoje ainda chamamos.³⁹

Portando, essas quatro raízes compõem tudo o que podemos chamar de ser, desde o Sol, a lua, os peixes, as rochas, as árvores, os humanos e, surpreendentemente, até as potestades. Inclusive os deuses imortais são formados por esses elementos, pois para Empédocles, somente existem as raízes como base do ser, e delas surgem tudo o que conhecemos e mesmo que não conhecemos. Por meio delas, uma através da outra, tomam formas diferentes e a vida e a morte seguem seus caminhos.⁴⁰

Aristóteles teria dito duas vezes que o Agrigentino teria exposto a existência de apenas quatro elementos, todavia, teria dividido em dois, de um lado o Fogo sozinho e de outro a Água, Terra e o Ar. Entretanto, nos coloca Burnet, que não é perceptível qualquer coisa desse tipo nos poemas de Empédocles, o que se pode observar é o papel importante que o Fogo desenvolve na natureza. O que facilmente podemos perceber é o papel *sui generis* que o Fogo exerce, enquanto das demais raízes seus papéis são semelhantes. Todavia, não há comprovação que Empédocles teria separado o Fogo dos demais elementos. Talvez o que o Estagirita tenha tentado fazer era destacar a ação do Fogo dentre as outras raízes.⁴¹

Portanto, as quatro raízes são o que formam todo o cosmos, a agregação, a união de cada uma delas, mas também a desagregação, a separação de cada uma. Nem uma das quatro raízes sobrepõe-se a outra, nem uma é maior do que a outra, todas elas, as quatro, qualitativamente tem o mesmo potencial perante o mundo e o meio onde se encontram, o que difere uma da outra são suas características e a quantidade em que se encontram em cada coisa e o que ordena, o que impõe estas diferenças de quantidades e faz com que

³⁹ Cf. HIRSCHBERGER, Johannes. *História da Filosofia na Antigüidade*. 2. ed. São Paulo: Editora Herder, 1965, p. 55.

⁴⁰ Cf. EMPÉDOCLES, Frag. 21. In: BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006.

⁴¹ Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p.240.

uma seja maior que outra ou menor, apenas em quantidade, são os dois princípios *Philia* e *Neikos*.⁴²

3. A dinâmica de *Philia* e *Neikos*

Empédocles, após ter feito a crítica a Parmênides, necessitou explicar o movimento dentro da esfera, visto que também se utilizou do *plenum* corpóreo assim como o Eleáta. Mas ao contrário de Parmênides, o pensador de Agrigento coloca em sua esfera as quatro raízes – Ar, Fogo, Terra e Água como já vimos anteriormente – e não apenas uma. Visto isso, para explicar o movimento que há no Uno, o Agrigentino se utiliza de duas forças, duas pulsões que lutam entre si incessantemente, construção e destruição, Amor e Ódio.

Para o pensador de Agrigento no início tudo era o Uno, a Esfera, desta maneira, algo precisava movimenta-la, destruí-la, dividi-la para que se chegasse no mundo que vemos hoje, desta forma para separar, destruir, desunir a Esfera e os elementos nela contidos, o Agrigentino se utiliza de *Neikos*, ou Discórdia. Entretanto, se somente ela existisse, as coisas se separariam, se despedaçariam, se desintegrariam ao infinito, o que não poderia acontecer. Sendo assim, o pensador de Agrigento sugeriu uma nova força contrária – ou nem tanto assim – a qual poria fim a essa eterna separação, e, de tempos em tempos, uniria as raízes novamente. Á esta pulsão unitiva Empédocles deu o nome de *Philia*, ou Amor.⁴³

Estas forças, diz Rogério Miranda de Almeida:

São ambivalentes na medida mesma em que Tânatos e Eros lutam em contra o outro, batem-se e se destroem mutuamente mas, ao mesmo tempo, *co-operam* um contra o outro na repetição e na diferença, na satisfação e na *in-satis-fação*, no prazer e no desprazer, dilaceração e no gozo. É que tanto Eros quanto Tânatos – sublinhe-se uma vez mais – não podem ser pensadas separadamente, não podem ser concebidos, nem mesmo imaginados, de maneira irredutivelmente oposta.⁴⁴

Em seu poema, ou o que sobrou dele, Empédocles nos conta como foi a origem de tudo. Para ele, a geração das coisas se dá de duas formas, através da união de muitos e também por meio da separação de muitos. Por intermédio do Amor, as coisas tendem à união, à geração e à vida. Por outro lado, a Discórdia, que é a força destruidora, faz que com que as coisas sigam em direção à divisão, à destruição e à morte. Assim, a infinita

⁴² Cf. EMPÉDOCLES, Frag. 26. In: BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006.

⁴³ Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p.240-241.

⁴⁴ Cf. ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Eros e Tânatos: A vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 83.

luta do Amor e da Discórdia, transformando tudo pelo decorrer da eternidade, unindo, desunindo, gerando e destruindo. Por meio de *Philia* as coisas se unem formando o Uno, e através de *Neikos*, o Uno se torna muitos, mas sempre mantendo os mesmos pelo decorrer da existência.⁴⁵

Basicamente, *Philia* tem como função a agregação, a união, a construção, e *Neikos* ao contrário, desagrega, desune, destrói. Entretanto, Burnet nos chama a atenção ao dizer que Aristóteles teria dado ênfase no poder que o Amor tem de separar e o Ódio de unir. Para isso, ele nos explica que no caso da Discórdia, que rompe, divide, desintegra a Esfera, o fogo que havia nela é unido em um só, formando um único Fogo. Ou então quando as raízes são unidas novamente pelo Amor, o peso de cada uma se divide. Noutro caso, quando a esfera é rompida, por atuação da Discórdia, ao mesmo tempo dá-se origem a todas as coisas. Neste caso, ocorre também a atração do semelhante pelo semelhante, que tem papel preponderante na formação do mundo. Esta atração dos semelhantes é diferente da atração ocasionada pelo Amor, pois esta somente ocorre de acordo com as características de cada elemento e decorre da separação da Esfera pela Discórdia. No caso no Amor, ele tem como poder a atração dos dessemelhantes, e não atua somente após a divisão da Esfera, mas já antes disso, mantendo a Esfera unida preservando o todo.⁴⁶

Este Amor a que se refere Empédocles é o mesmo amor que os homens sentem, é aquela força que faz com que as pessoas façam boas obras, amem e convivam em paz. Ele é muitas vezes chamado de alegria, ou então, Afrodite, mas nunca ninguém o viu, perambulando por entre as coisas. O Amor e a Discórdia têm os mesmos valores quantitativos que os demais elementos, somente diferem qualitativamente. Todos esses eternos elementos e incessantes forças possuem a mesma idade, peso, altura e comprimento, mas divergem em suas características, além disso, *Philia* e *Neikos* nunca governam num mesmo tempo, cada uma possui momentos em que deve deixar o poder, a soberania, para que o outro entre em seu lugar. Também, nenhuma destas forças, assim como os elementos, se consomem ou desaparecem, pois se isso ocorresse nada mais existiria. Da mesma forma nada pode ser criado do nada, se não de onde viria, visto que estas forças juntamente com os elementos preenchem tudo, não há espaço vazio, eles são o Todo. O que há é apenas nascimento e morte, construção e destruição a partir destes

⁴⁵ Cf. EMPÉDOCLES, Frag. 17. In: BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006.

⁴⁶ Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p.242.

quatro elementos e por meios destas duas forças, a vida e a matéria escorrem, seguem seu fluxo por meio destes, pois não há outros meios.⁴⁷

Devemos notar também, que a eterna luta entre o Amor e a Discórdia é formada por fases, ora o Amor prevalece, como é o caso da Esfera, ora a Discórdia prevalece, o caos. Burnet nos coloca que existem quatro períodos em meio a essa infinita guerra dos opostos: primeiramente a Esfera, onde o Amor domina e une tudo, onde os quatro elementos estão unidos num único sólido; por segundo, vemos o período no qual a Discórdia vai se entremeando na Esfera e aos poucos vai segmentando-a e formando novos compostos; em seguida, a discórdia domina tudo e nada mais está unido, a não ser pela atração do “semelhante pelo semelhante”; e a quarta fase, é aquela onde a Discórdia vai perdendo espaço para o Amor e aos poucos os elementos vão unindo-se novamente tendendo ao Uno, a Esfera. Dentre as quatro fases do ciclo, podemos ter em mente que estamos presentes ou na segunda fase, ou na quarta, pois não estamos num total caos, nem em total união, pois se estivéssemos não poderia existir a vida, visto que no Uno existe somente a Esfera maciça, já no caos, não há vida em decorrência de que nada está unido, não dando chance ao Amor, consequentemente não dando espaço à vida.⁴⁸

Todas as coisas são feitas pelas quatro raízes e unidas ou construídas por obra do Amor e, de certa forma, da Discórdia. Todos os seres vivos são originados a partir da junção dos quatro elementos, e cada espécie, cada ser vivente, possui uma quantidade, uma proporção de cada um dos elementos, regulados por *Philia*. Isto se dá, pois *Neikos* ainda não tomou totalmente o controle do mundo, o Amor ainda exerce determinado poder para unir e gerar novas vidas, e, por estarmos num período onde a Discórdia vem aumentando, as coisas construídas, engendradas pelo Amor são mortais, são temporárias, tendem à morte para que um dia por meio da Concórdia voltem a viver.⁴⁹

Na evolução dos seres vivos destacam-se quatro períodos principais: primeiramente diversos pedaços de animais vagam separadamente sem estarem unidos a nada, nem formando corpo algum. Nesta fase, diz-se que o autor estaria se referindo ao quarto estágio da criação de tudo, no qual a Discórdia ainda domina e ao poucos o Amor vai

⁴⁷ Cf. EMPÉDOCLES, Frag. 17. In: BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006.

⁴⁸ Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p.242.

⁴⁹ Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p.246.

adentrando;⁵⁰ em seguida, no segundo período, por obra do Amor, estes pedaços de seres dispersos começam a unir-se entre si, causando uma confusão tremenda, pois são engendrados os seres mais bizarros, criaturas mancas, com os membros grudados ao contrário, rosto para um lado, peito para outro, diversas mãos, bois com cabeças humanas, sexos misturados e afins.⁵¹ Neste estágio podemos observar que não se tem muitos critérios para a união dos membros dispersos, o que dá a entender que se aproxima aí o período onde o Amor está mais presente, tentando unir tudo; por conseguinte, na terceira fase, que compreende a segunda fase da criação do mundo, a Esfera vem sendo desfeita por obra da Discórdia, e dela saem criaturas “completas”. Nestas não existem diferenças de gênero, espécie e são feitas de Terra e Água, modeladas pelo movimento do Fogo. O que move cada um destes seres são a força de atração de semelhante com semelhante; e no último período, os elementos já não tem influência sobre as espécies e a vida e a morte deles se desenrola por meio da geração e corrupção. Note-se ainda que o Agrigentino assemelha-se a Darwin ao dizer que o que impera no reino animal é a lei da sobrevivência, onde o mais capacitado tende a sobreviver.⁵²

Burnet se expressa dizendo que é inadmissível Empédocles não ter dito com certeza em qual fase estamos no conflito entre Amor e Ódio, porém, percebe-se que um mundo onde as coisas são perecíveis, onde as coisas nascem e morrem, se constroem e se destroem só podem ser pensadas no segundo e no quarto período. Aristóteles em seus comentários a filosofia empedocliana, diz que é perceptível que em nosso mundo o Ódio vem crescendo e ainda fala que o pensador de Agrigento teria dito que nos encontramos numa fase semelhante à da Discórdia, já que antes predominava o Amor. Empédocles ainda teria dito, segundo Aristóteles, que é impossível conceber nosso mundo no período do Amor, visto que não é pensável reunir as coisas espalhadas, mas sim, que estamos na fase onde a discórdias vem, pouco a pouco, separando, desunindo e destruindo o todo, para em seguida, com as centelhas de Amor que restam, formarem compostos menores, rumo ao infinito. Na gênese de tudo – se é que esse termo é possível – podemos observar que existia a Esfera, a qual era o Uno, onde tudo, a não ser a Discórdia, se reuniam dentro dela por meio do Amor. A Discórdia cercava toda a Esfera, ela era como o Ilimitado dos

⁵⁰ Cf. EMPÉDOCLES, Frag. 42 e 43. In: BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006.

⁵¹ Cf. EMPÉDOCLES, Frag. 40 e 41. In: BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006.

⁵² Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p.248.

pensadores passados, o *Ápeiron* aquele que tudo abraça. Entretanto as forças *Philia* e *Neikos* não são ilimitadas, infinitas, mas possuem as mesmas características quantitativas dos demais elementos, ou seja, eles são de igual peso, igual tamanho e igual comprimento.⁵³

Estas duas potências são, para o pensador de Agrigento, como um pintor que se utilizando de diversas cores, misturam-nas formando diversos tons, figuras e telas. Concórdia e Discórdia, da mesma maneira, se utilizando das quatro raízes desenham, pintam e colorem todo o universo, por meio de quatro elementos, estas duas forças “pintam e bordam”, constroem e destroem, moldam e remoldam tudo o que existe.⁵⁴ Ou ainda, Empédocles compara as duas forças a um padeiro que produz o pão a partir dos ingredientes água e farinha, ele as mistura, amassa, sova, cuida, deixa crescer e no momento certo assa e consome, para em seguida repetir o processo. Da mesma forma ocorre com os quatro elementos, Água, Fogo, Ar e Terra, onde o padeiro, *Philia* e *Neikos*, sova, amassa, mistura, faz crescer e consome, para em seguida, recriar, remodelar, refazer o pão, refazer o mundo e suas coisas.⁵⁵

Conclusão

Após apresentarmos a questão do conflito entre os opostos e as quatro raízes a partir da filosofia de Empédocles de Agrigento, notamos que para o Agrigentino haveria um intermitente ciclo, ou inúmeros ciclos, na maneira com que as coisas estão num constante ir e vir, junção e separação, nascimento e morte, pois uma hora o ódio domina outra hora o amor, e esta incessante luta é interminável, sempre há esta disputa pelo domínio, hora vidas nascem, mas no mesmo momento, vidas morrem, ou também, várias coisas surgem, mas num estralar de dedos tudo se destrói, tudo está em constante harmonia, de repente o caos desperta e tudo se esvai, esta incessante luta do *entre-deux* permanece com ora um dominando soberanamente, ora outro. Santo Agostinho nos fala em seu livro das Confissões, de uma “vida mortal” ou uma “morte vital”⁵⁶, pois ao nascermos tendemos à morte, da mesma forma se morremos tendemos à vida, ou então para alguém nascer um

⁵³ Cf. BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006, p.243.

⁵⁴ Cf. EMPÉDOCLES, Frag. 23. In: BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006.

⁵⁵ Cf. EMPÉDOCLES, Frag. 34. In: BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006.

⁵⁶ Cf. AGOSTINHO, Conf., X, 6,7.

deve morrer, do mesmo modo, se as coisas e as vidas viessem do nada não haveria espaço para tantos no cosmos, sobretudo se estas ao morrerem ou destruírem-se fossem para o nada, o nada não existiria, pois o nada é ausência de qualquer coisa, não seria mais o nada e sim apenas mais algum ciclo ou espaço⁵⁷.

Por certo, no universo empedocliano, toda variação, toda transformação ocorrem por ação da luta do *entre-dois*, ódio e amor, discórdia e amizade, *Neikos* e *Philia*, os dois princípios ordenantes do cosmos. Freud séculos depois iria analisar, a incessante pulsão de morte e pulsão de vida que existe dentro do ser humano. Quando *Neikos* está quase desaparecendo, a amizade está tomando conta de tudo, quase tudo é unido pelo amor, mas ainda restam algumas coisas sem se mesclarem possuídas pela Discórdia, Amor ainda não venceu, ainda não se sobrepôs totalmente, de repente o ódio ressurgiu, tudo o que o amor havia construído, tudo o que havia se unido, o ódio divide, separa, destrói.⁵⁸ Concomitantemente, é desta maneira que o cosmos é ordenado, com o incessante conflito entre duas potências igualmente soberanas, mas nunca uma vence o outra, sempre deve haver o ciclo, a luta, o incessante confronto dos dois opostos, pois se um vencer não haverá mais vida, se amor vencer, tudo se tornará o uno, imóvel, e se ódio vencer o caos reinará.

Referências

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1982.
- AGOSTINHO (Santo). *Confissões*. In: Coleção Os Pensadores. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1983.
- ALMEIDA, Rogério Miranda de. *Eros e Tânatos: A vida, a morte, o desejo*. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BRÉHIER, Émile. *História de la Filosofía*, 5. ed. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1962.
- BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006.
- HESÍODO. *Teogonia: a origem dos deuses*. São Paulo: Iluminuras, 2014.

⁵⁷ Cf. EMPÉDOCLES, Frag. 12. In: BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006.

⁵⁸ Cf. EMPÉDOCLES, Frag. 35. In: BURNET, John. *A Aurora da Filosofia Grega*. Rio de Janeiro: Contraponto Editora e Editora PUC-RJ, 2006.

HIRSCHBERGER, Johannes. *História da Filosofia na Antigüidade*. 2. ed. São Paulo: Editora Herder, 1965.

PLATÃO. *O simpósio ou do amor*. Lisboa: Guimarães editores, 1986.